

## **A FRONTEIRA ENTRE A COMUNIDADE E A UNIDADE DE CONSERVAÇÃO MASTIGADA PELA FORMIGA-ONÇA**

Rafael Nogueira **Costa**<sup>1</sup>

Fátima **Branquinho**<sup>2</sup>

Nesta série de fotos apresentamos um professor de artes acompanhado de seis crianças de uma comunidade periférica de Macaé/RJ à procura dos animais da restinga para serem desenhados em uma prancheta de papel, lembrando os naturalistas e ilustradores científicos dos séculos passados como Maria Sibylla Merian, Alfred Russel Wallace, Alexander von Humboldt e William Henry Edwards.

O cenário para esta “aventura” é o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, uma unidade de conservação federal, criada em 1998, que protege 44 quilômetros de costa e uma área total de 14.922 hectares, abrangendo os municípios de Macaé, Carapebus e Quissamã no norte do Estado do Rio de Janeiro (Esteves, 2011).

No extremo sul do parque encontra-se uma das maiores comunidades de Macaé, o Bairro Lagomar, classificado pela prefeitura como “assentamento precário” (Macaé, 2012). A expansão do Lagomar acompanhou a intensa movimentação da atividade de exploração de petróleo na região, gerando um crescimento populacional de mais de 400% em 10 anos a partir do ano 2000, concentrando aproximadamente 50.000 moradores (Correa, 2012).

Apesar desse crescimento populacional o bairro ainda sofre com ausência de saneamento básico (Cuzzatti *et al.*, 2011; Cordeiro *et al.*, 2012) e lidera o índice de domicílios por assentamento precário na cidade (Correa, 2012).

É nesse bairro que mora há mais de vinte anos o professor Ilzimar Bandeira Rodrigues, conhecido como IBR. Além das aulas de artes, IBR é produtor amador de filmes de ficção, desenvolvendo parte da sua criação com as crianças da comunidade.

O personagem principal desta série de fotos não é o parque, nem o professor IBR, nem mesmo as crianças da comunidade, mas sim, um animal de pequeno porte, conhecido vulgarmente como formiga-onça: estamos interessados em observar o que e quem ela é capaz de agenciar ao percorrer a trilha documentada nessas fotos.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

A analogia da formiga-onça com a teoria descrita por Bruno Latour e colaboradores - ANT (*Actor-Network-Theory*), formiga em inglês - não é uma simples coincidência neste trabalho. Seguindo a trilha deixada pela formiga apresentada em Latour (2012), aceitamos o convite que este autor nos faz na referida obra, para descrever as transformações na realidade provocadas pelos atores que escolhemos observar: tipologias que produzem, padrões que elaboram, suas máquinas, modo de organização, ideologias, estados de espírito, entre outros.

Formiga-onça<sup>3</sup> é o nome popular dos insetos do gênero *Traumatotilla* sp. Com hábitos solitários, as larvas destes animais são ectoparasitoides de pupas de outros insetos (Bartholomay *et al.*, 2015). As fêmeas adultas são reconhecidas pela coloração chamativa e ausência de asas, apresentando forte dimorfismo sexual, geralmente o macho é alado (Cunha, 2004; Bartholomay *et al.*, 2015). A ausência de asas na fêmea foi suficiente para causar essa “confusão” na identificação do animal, pois para os cientistas da natureza, este pequeno animal não é identificado como formiga, devido suas características peculiares.

A nossa formiga-onça agiu como *mediadora*<sup>4</sup> e a sua busca foi marcada pelo rompimento com a fronteira institucional entre a conservação da natureza, na qual o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) ocupa posição central desde 2007, e a comunidade do Lagomar, vizinha ao parque, por isso temida e ameaçada.

O arame farpado é a representação da dicotomia natureza/sociedade. Esse ser muito pequeno que transita entre esses universos foi capaz de “mastigar” o arame farpado que separa a comunidade do parque, iniciando o movimento de diluição da fronteira representativa.

Com essas fotos estamos interessados em mostrar que essa separação é mais imaginária do que real. Somos acompanhados pelas minúsculas passadas da “formiga”, que foi capaz de aglomerar os humanos e sustentar a produção de uma obra cinematográfica.

---

<sup>3</sup> Também conhecida como formiga-feiticeira, bunda-de-ouro, chiadeira, tajipucu, formiga-ferro, formigas de veludo, entre outras variações dependendo da região.

<sup>4</sup> Para Latour os mediadores “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente se veiculam” (Latour, 2012: 65).

As fotos, apresentadas neste relato, compõem o registro da elaboração do filme *Um dia novinho em folha*<sup>5</sup>, produzido durante o Curso de Cinema Ambiental da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Macaé, no ano de 2013. Foi na produção do filme que observamos a formiga beber água nas mãos do professor IBR.

A construção deste relato audiovisual foi marcada por um *diálogo freireano* entre a equipe, o IBR e as crianças do Lagomar. Os papéis do diretor de cinema<sup>6</sup> e do professor do curso foram diluídos para dar entrada a uma construção coletiva e em *diálogo circular* (Freire, 2013), com reflexos no roteiro, nas escolhas dos enquadramentos e na montagem do filme.

No momento da filmagem no qual buscávamos a formiga-onça, não encontramos o nosso principal personagem. Ensaíamos e representamos um suposto encontro da “formiga” por uma criança, que aos gritos anunciou: “Professor, pra você! Achei a formiga-onça. Professor, corre (...) é ela mesmo”. Ficamos diante de uma nova fronteira, o real e a ficção. Inspirados por Jean Rouch, não hesitamos em “perder o pé” e inventamos uma nova realidade (Gonçalves, 2008).

Finalizamos as filmagens com um problema a ser resolvido. Como iríamos inserir as imagens da formiga naquele trecho do filme? O IBR resolveu continuar a busca e comentou com as crianças do bairro que aquele que achasse a formiga-onça, viva, iria receber uma recompensa de dez reais. Dois dias depois recebemos a ligação. “Estou com a formiga-onça esperando para ser filmada”.

Imediatamente, pegamos uma Canon 60D, um microfone direcional e fomos até a residência do professor. Rompemos novamente a fronteira para filmar o IBR registrando em sua prancheta o desenho da formiga, imagem que foi posteriormente inserida na montagem do filme.

Outras crianças da comunidade, curiosas pela nossa movimentação, se aproximaram, repetindo aquele encontro maravilhoso que este animal proporcionou: o arame farpado quase rasgando a pele, o parque, as crianças, o sabiá-da-praia, a libélula, os cupins, o vento soprando do leste, o calor da areia, o gasoduto da Petrobras conduzindo 80% do gás nacional sob os nossos pés, a barraca de praia protegendo do sol escaldante, a garrafa de água gelada, os equipamentos eletrônicos para os registros, a formiga-onça saindo do quadro para continuar a sua jornada solitária.

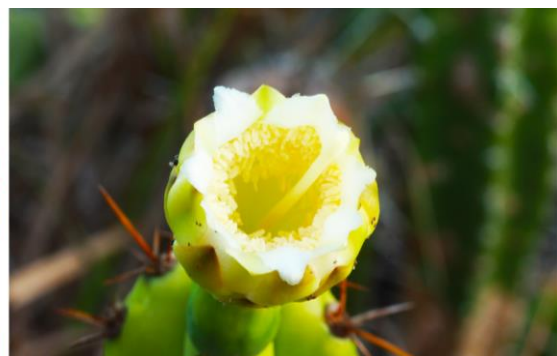
---

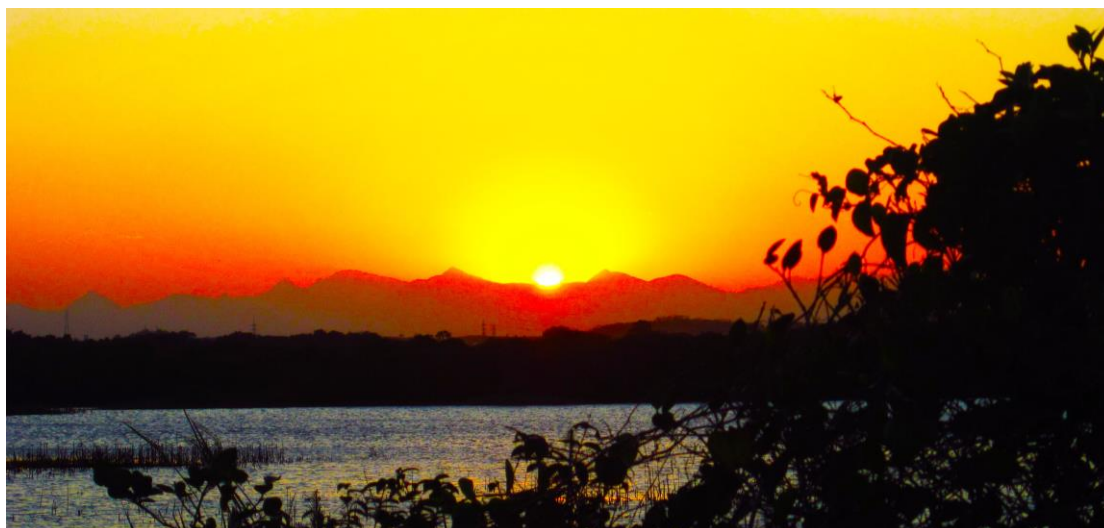
<sup>5</sup> O registro audiovisual está disponível para visualização em: [www.cuca.bio.br](http://www.cuca.bio.br)

<sup>6</sup> A nossa filiação a esse modo de fazer cinema passa pela capacidade de transformação da realidade pelos participantes envolvidos, mais do que pelo caráter de intervenção supostamente atribuído a ele.

Estávamos, novamente, ali, prontos para sermos dispersos, pois, como defende Latour (2012: 49) “não há grupos, apenas formação de grupos”. Mas, afinal, que sentido esse lema da ANT traz para o presente relato? Ele reitera a importância, para a produção do conhecimento sobre a realidade, do registro dos processos, do intercâmbio de papéis, das ações, do movimento, durante a elaboração coletiva do filme que põe em dúvida as fronteiras entre a comunidade, a unidade de conservação, o diretor do filme, o professor do curso, as crianças, as outras crianças, a formiga-onça.

























# um dia novinho em *folha*



## Referências

- BARTHOLOMAY, P.R.; WILLIAMS, K.A.; WALDREN, G.C.; DE OLIVEIRA, M.L. *Corrections on the biology of Traumatotutilla André*, Hymenoptera: Mutillidae, Zootaxa, 2015. Feb 19; 3920 (1): 198-200. 1901.
- CORDEIRO, M.R.; RODRIGUES, S.M.; SOUZA, P.R.N.; FERREIRA, M.I.P. Gestão de Efluentes Domésticos. Fossa Séptica. Contaminação de Águas Subterrâneas. Restinga de Jurubatiba. Publicado In: *Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego*, Abril, 2012. Vol.5(1), p. 89-102.
- CORREA, R.M. Diagnóstico e plano municipal de prevenção à violência e criminalidade do município de Macaé. 1ª ed. *Prática e Saberes*, v.3. Rio de Janeiro: Viva Rio, 2012, p. 272.
- CUNHA, R. *Monoeca xanthopyga*, Hymenoptera, Apoidea, Tapinotaspidini, primeiro registro de hospedeiro para parasitóide do gênero *Traumatotutilla*, Hymenoptera: Mutillidae, na Serra Geral do Rio Grande do Sul, Brasil. *Acta Scientiae*, v. 6, n. 2, jul./dez. 2004.
- CUZZATTI, T.G.; MARQUES, E.D.; TUBBS, D. *Avaliação preliminar da vulnerabilidade na unidade Aquífera do Bairro Lagomar, Macaé-RJ*. XII Congresso Brasileiro de Geoquímica. Gramado-RS, 2011.
- ESTEVES, F.A. *Do índio goitacá à economia do petróleo: uma viagem pela história e ecologia da maior restinga protegida do Brasil*. Campos dos Goytacazes, RJ. Essentia Editora, 2011, p. 232.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 54ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GONÇALVES, Marco Antonio. *O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch*. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 239, 2008.
- LATOURE, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-Edusc, 2012, p. 400.
- MACAÉ. *Anuário de Macaé 2012*. Coordenadoria Geral do Programa Macaé Cidadão. Prefeitura Municipal de Macaé, 2012, p. 538.

Recebido em: 24/04/2016.

Aprovado em: 06/12/2016.